



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE PORTO NACIONAL
GRADUAÇÃO EM LETRAS

ANA LAURA DE MIRANDA E SILVA CHAGAS

**ANÁLISE LÉXICO-SEMÂNTICA DO CAMPO DO *CORPO HUMANO* NO
TOCANTINS: ALGUNS RESULTADOS DO ALITTETO**

PORTO NACIONAL
2022

ANA LAURA DE MIRANDA E SILVA CHAGAS

**ANÁLISE LÉXICO-SEMÂNTICA DO CAMPO DO CORPO HUMANO NO
TOCANTINS: ALGUNS RESULTADOS DO ALITTETO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins-UFT/Campus de Porto Nacional, como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Greize Alves da Silva

PORTO NACIONAL
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

C433a Chagas, Ana Laura de Miranda e Silva.
Análise léxico semântica do campo do corpo humano no Tocantins:
Alguns resultados do alitteto. / Ana Laura de Miranda e Silva Chagas. – Porto
Nacional, TO, 2022.
24 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Porto Nacional - Curso de Letras - Língua Portuguesa e
Literaturas, 2022.

Orientador: Greize Alves da Silva

1. Dialetoлогия. 2. ALITTETO. 3. Campos semântico do corpo humano. 4.
Estudos dialetológicos em solos tocaninenses. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

ANA LAURA DE MIRANDA E SILVA CHAGAS

**ANÁLISE LÉXICO-SEMÂNTICA DO CAMPO DO CORPO HUMANO NO
TOCANTINS: ALGUNS RESULTADOS DO ALITTETO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Letras da Universidade Federal do
Tocantins-UFT/Campus de Porto Nacional,
como requisito para a obtenção do título de
Licenciatura em Letras.

Data de aprovação: 20/12/2022

Banca Examinadora:

Prof. Dr.^a Greize Alves da Silva (UFT)

Prof.^a Dr.^a Dalve Oliveira Batista Santos (UFT)

Prof.^a Dr.^a Ângela Francine Fuza (UFT)

PORTO NACIONAL
2022

RESUMO

O estado do Tocantins, pertencente à região Norte do país, tem suas bases socioculturais apoiadas em um intenso movimento migratório, sobretudo do fluxo procedente dos estados circunvizinhos. Partindo desse pressuposto, é natural que o lócus de nossa pesquisa, o Tocantins, apresente variação linguística, ou seja, formas diversificadas de nomear itens da realidade do falante. Assim, o presente trabalho tem como objetivo descrever a variedade lexical-diatópica a partir de duas questões que integram o campo semântico *corpo humano*, com base nos dados do *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins* (ALITTETO) e se justifica pelo fato de estudos dialetológico relacionados a esta área no estado ainda serem pouco explorados, além da contribuição para estudos futuros e preservação dos dialetos aqui citados. A pesquisa foi desenvolvida tanto com métodos qualitativos, com descrição das variantes, quanto quantitativo, com a análise estatística dos dados obtidos. Os resultados apontam a presença de variantes não dicionarizadas e intenso polimorfismo lexical.

Palavras-chaves: Dialetologia. ALITTETO. Campo semântico do *Corpo Humano*.

ABSTRACT

The state of Tocantins, which belongs to the Northern region of the country, has its sociocultural basis supported by an intense migratory movement, especially the flow coming from the neighboring states. Based on this assumption, it is natural that the locus of our research, Tocantins, presents linguistic variation, i.e., diverse ways of naming items of the speaker's reality. Thus, the present work aims to describe the lexical-diatopic variety from two questions that integrate the semantic field human body, based on data from the Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALITTETO) and is justified by the fact that dialectological studies related to this area in the state are still little explored, in addition to contributing to future studies and preservation of the dialects mentioned here. The research was developed using both qualitative methods, with the description of the variants, and quantitative methods, with the statistical analysis of the data obtained. The results point to the presence of non-dictionary variants and intense lexical polymorphism.

Keywords: Dialectology. ALITTETO. Human Body semantic field.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 A DIALETOLOGIA: A CIÊNCIA QUE ESTUDA OS DIALETOS	10
2.1 O princípio da Dialectologia como ciência	10
2.2 A Dialectologia e os falares brasileiro	11
2.3 Estudos dialectológicos em solo tocaninense	13
3 METODOLOGIA	15
4 ANÁLISES DOS DADOS	18
4.1 QSL 069. Como se chama a parte que sobre o olho?	18
4.2 QSL 071. Como se chama a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes?	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	24

1 INTRODUÇÃO

A história social e cultural do Brasil demonstra as nuances sociodialetais impressas na língua, decorrentes do processo de ocupação humana do país, cujos elementos portugueses, africanos, indígenas, além da presença de muitas outras etnias, forneceram a tônica cultural e, conseqüentemente, linguística do nosso país. Segundo Cardoso (2010, p. 15), “o espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra”, reafirmando a dinamicidade da língua.

No entendimento proposto por Cardoso (2010), de que cada localidade carrega em seu falar suas nuances históricas, o Estado do Tocantins, *locus* de nossa pesquisa, tem na língua e na fala, em especial no léxico, parte de sua história, a construção de sua identidade e das individualidades, sobretudo pelo fato desse território ter abrigado muitos migrantes das variadas regiões do Brasil.

Segundo Nunes, Isquierdo, Marques (2018, p. 53): “O léxico de uma língua reflete os fatores sociais, históricos e geográficos relacionados a uma comunidade linguística, evidenciando, também, processos cognitivos do informante empregados ao se comunicar”, podendo a língua manifestar, em seus variados níveis de fala, comportamentos específicos nas comunidades. Nessa intenção, usamos o aparato teórico-metodológico da Dialectologia com seu método de cartografia, a Geolinguística, no intuito de apresentar um mapeamento dialetal dos dados que nos propomos a analisar

Em concordância com Cardoso (2010, p. 15), a Dialectologia é compreendida como “[...] um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. Assim, a Dialectologia auxilia no conhecimento da língua falada a partir de aspectos históricos e/ou geográficos.

Este trabalho teve como objetivo geral: analisar a variedade lexical no estado do Tocantins, a partir das variantes coletadas para os dois questionamentos: 069. *Nome dessa parte que cobre o olho?* e 71. *Como se chama a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes?*, do campo semântico do *corpo humano*, coletadas pelo *Atlas Linguístico Topoestático e Topodinâmico do Tocantins* (ALITTETO), em 12 localidades, somando 96 informantes. E como objetivo específico temos: analisar a distribuição diatópica (que ocorrem de acordo com o local onde vivem os falantes) das formas oriundas a partir dos questionamentos em pauta.

A justificativa para tal empreitada reside no fato de trabalhos escritos e publicados na área da Dialetoologia tocantinenses ainda serem diminutos, somado ao fato de que a realidade dialetal do Tocantins evidencia dinâmicas populacionais e migratórias importantes, podendo indicar comportamento linguístico com marcas mais ou menos locais.

Esta pesquisa foi formulada e projetada visando conhecer os aspectos histórico-sociais do estado do Tocantins por meio de estudos dialetais. Tal fato serviu de elemento norteador para proposição do presente trabalho, tendo em vista que é de suma importância o conhecimento da língua falada para o não desaparecimento de dialetos de regiões históricas como os presentes em alguns municípios do estado. Assim, este trabalho buscou também contribuir para estudos futuros e a para o aumento de pesquisas relacionadas a esta área.

A presente pesquisa está organizada de maneira simples e objetiva. Partindo da introdução, seguido do referencial teórico, a metodologia, a análise dos dados, as considerações finais e, por fim, o referencial bibliográfico.

2 A DIALETOLOGIA: A CIÊNCIA QUE ESTUDA OS DIALETOS

Em concordância com Monteiro (1989, p. 183), as línguas, como fatos culturais, estão em constante evolução, não havendo, pois, nenhum sentido em se perguntar por que elas mudam, já que a mutabilidade é sua característica essencial. Desse modo, a Dialetoлогия, como ciência que analisa as variações no tempo e no espaço, nos permite observar os detalhes dessas mudanças e como elas transparecem na comunidade de fala, seja por meio da fonética, do léxico ou da sintaxe, por exemplo.

Na contemporaneidade, a Dialetoлогия investiga as transformações linguísticas, as variações e tudo aquilo que se relaciona à variação, seja ela a diageracional (está relacionado a variação presente em diferentes gerações, a idade dos envolvidos), diassexual (variação a partir do sexo) ou diastrática (variação que leva em consideração grupos ou classes sociais envolvidas).

É importante ressaltar que é através de estudos dialetológicos que se podem compor *atlas linguísticos* de dadas regiões, deixando para as próximas gerações dados que abarcam a história do espaço geográfico em que se vive, sobre os seus falares e seus dialetos. Assim sendo, a Dialetoлогия é uma ciência de extrema importância para a manutenção e preservação da língua.

2.1 O princípio da Dialetoлогия como ciência

A Linguística, instituída como ciência, ganhou seus contornos mais modernos a partir das contribuições de Ferdinand de Saussure. Assim, diferentes perspectivas de se observar e analisar a língua são procedentes dessa visão mais acurada outrora fornecida pelo pesquisador.

Segundo Romano (2014):

Os estudos linguísticos adquiriram caráter científico a partir da cisão que Saussure estabeleceu entre língua e fala, em seu Curso de Linguística Geral (1916), assumindo, como objeto de estudo da Linguística, a língua. Concebeu-se, assim, um estudo científico da linguagem que teria como tarefa principal estudar, sob um olhar imanente, esse sistema de signos distintivos, passível de ser analisado devido ao seu caráter homogêneo (ROMANO, 2014, p. 137).

Os estudos linguísticos são de suma importância, visto que a língua está em constante mudança e acompanha as transformações da sociedade. Apesar de a Linguística ter sido entendida como ciência da partir do mestre genebrino, as inquietações em torno das línguas e sua conseqüente variação foram prerrogativa de estudiosos que viveram muito antes, como elenca Cardoso (2010):

Os textos bíblicos, para usar de uma exemplificação assaz distanciada no tempo e inteiramente desprovida de preocupações linguístico-científicas, trazem passagens que apontam para a diversidade das línguas e de seus usos, inerentes ao próprio processo de intercomunicação e, dessa forma, presentes desde o momento em que se estruturam os grupos sociais (CARDOSO, 2010, p.27).

Da necessidade de estudo sistemático das línguas e suas variações, temos a Dialectologia cuja tarefa é investigar a variação linguística de uma comunidade ou zona geográfica, além de identificar diferenças dialetais de falantes em uma mesma ou diferentes modalidades de língua. Em suma, a Dialectologia tem por objetivo, “[...] estabelecer relações entre modalidades de uso de uma língua ou de várias línguas, seja pela identificação dos mesmos fatos, seja pelo confronto presença/ausência de fenômenos considerados em diferentes áreas” (CARDOSO, 2010, p. 45), o que faz dessa ciência de extrema importância.

Os primeiros estudos dialetais com metodologias delineadas datam a partir da metade do século XIX. Chambers e Trudgill (1994) mencionam o trabalho de Wenker (1876), que entrevistou por correspondência 50.000 professores alemães pedindo-lhes que escrevessem certas frases em dialetos locais. Os dados coletados por Wenker apresentavam algumas falhas, e a partir dessas falhas, a Dialectologia foi integrando novos métodos com melhores resultados. Anos mais tarde, no século XX, o linguista suíço-francês Jules Gilliéron, conhecido também como o pai da Dialectologia, desenvolveu junto a Edmond Edmond o bem-sucedido *Atlas Linguistique de la France* (1909) – ALF – Além desta, Gilliéron e Edmond elaboraram também o *Atlas Linguistique de la Corse* entre 1914-1915, considerado por muitos o mais rico devido a sua pequena extensão territorial e a experiência adquirida no trabalho anterior com o ALF.

Gilliéron acreditava que seria possível obter as representações mais precisas e consistentes das falas dos informantes da época se um pesquisador de campo, que não fosse linguista, com bom treinamento fonético entrevistasse os sujeitos e transcrevesse foneticamente suas falas. Para isso, ele envia Edmond Edmond pelas cidades francesas para realizar a tarefa de recolha dos dados *in loco*. Após quatro anos, Edmond completou o questionário de 200 itens, com 700 informantes e os volumes do Atlas foram publicados entre 1902 e 1912.

Os trabalhos de Gilliéron deram contornos à ciência dialetológica mais atual. Sendo assim, os estudos dialetológicos contribuíram e contribuem para o conhecimento e não desaparecimento de culturas em um contexto mais amplo, visto que essa área de pesquisa trata do contexto histórico-social, cultural e geográfico das comunidades estudadas.

2.2 A Dialectologia e os falares brasileiro

A Dialectologia no Brasil se fez presente a partir de meados do século XX, principalmente com trabalhos que buscavam diferenciações entre o português do Brasil e o português de Portugal. Tem-se como marco inicial, 1826, a solicitação de Adrien Balbi à Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, para que participe do *Atlas Ethnographique du Glob*.

Ferreira e Cardoso (1984: 37-62) dividem o progresso da Dialectologia no Brasil em três fases. A primeira com duração de 100 anos, marca o período de 1826 a 1920, data da publicação da obra *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral. As obras lançadas durante essa etapa são

caracterizadas como léxicos, vocabulários e glossários. Temos a exemplo o *Dicionário da língua brasileira*, 1832, de Luís Maria Silva Pinto, que se consiste num dicionário do português com a introdução de formas próprias do Brasil.

A segunda fase se inicia em 1922 com a publicação da obra *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral, e se estende até o ano de 1952. Nesta a Geolinguística dá os primeiros passos para o seu desenvolvimento no Brasil. As pesquisas passam a se caracterizar não apenas pelo ponto de vista semântico-lexical, mas também morfossintático e fonético- fonológico. Presentes nessa etapa temos como destaques obras produzidas por Amaral (1922), Marroquim (1934) e Nascentes (1953), imprimindo uma nova ótica à linguística brasileira.

Essa segunda fase é composta por quatro grupos de obras. No primeiro grupo temos léxicos e glossários regionais como o *Vocabulo gaúcho* (1926), de Roque Callage. O segundo é composto por obras que analisam a língua numa perspectiva mais ampla e de caráter geral, a exemplo *O português do Brasil* (1937), de Renato Mendonça. O terceiro grupo, forma-se por estudos de cunho regional, tratando de aspectos de uma área geográfica específica, tais como: *A linguagem dos catadores* (1933), de Clóvis Monteiro, e a *Linguagem popular da Bahia* (1951), de Edison Carneiro. Por fim, o quarto grupo, que trazia estudos específicos sobre contribuições africanas, como *Influências africanas no português do Brasil* (1933), de Renato Mendonça.

Na terceira e última etapa, Cardoso apresenta o que marcaria e reforçaria a Dialectologia como uma ciência necessária. Segundo Cardoso (1999, p. 239):

Tem como marco um ato do governo brasileiro, o Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, que, ao definir as finalidades da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, que vinha de ser criada, assentava como a principal delas a elaboração do atlas lingüístico do Brasil. Essa prioridade é retomada pela Portaria 536, de 26 de maio do mesmo ano, que, ao baixar instruções referentes à regulamentação do Decreto, põe ênfase na elaboração do atlas lingüístico do Brasil.

A partir do Decreto de 1952, é iniciado um novo período de estudos que abordavam o fenômeno da variação linguística no Brasil. A partir de então figuras como Serafim da Silva Neto, Celso Cunha, Nelson Rossi e Antenor Nascentes traçaram caminhos para a construção do *Atlas Lingüístico do Brasil*, que buscava abranger todo o país. Para Cardoso (1999), a terceira fase da história dos estudos dialetais tem como marca identificadora o início dos estudos sistemáticos no campo da geografia linguística.

Apesar dos esforços dos pesquisadores de outrora, o atlas nacional só pode ser iniciado em 1996, por empreendimento de vários pesquisadores de diferentes universidades brasileiras. Após, muitos anos de trabalho, em 2014, o *Atlas Lingüístico do Brasil* possui dois volumes: o primeiro apresenta questões pertinentes à história do Atlas, sua metodologia, etc., e o segundo apresenta 159 cartas linguísticas, com dados de 25 capitais com a intenção de apresentar descrições do português brasileiro com base de dados coletados *in loco*. No total, foram

selecionadas 250 localidades, sendo, por exemplo, Oiapoque o ponto 001 e o Chuí o ponto 250, somando 1100 informantes, distribuídos em duas faixas: 18 a 30 anos (a primeira) e de 50 a 65 anos (a segunda).

2.3 Estudos dialetológicos em solo tocantinense

O Tocantins, até a década de 80, era denominado porção norte do estado de Goiás. As dificuldades com deslocamentos faziam com que essa região se identificasse mais com estados circunvizinhos ao norte: Pará e Maranhão, principalmente, em decorrência da possibilidade de navegação dos rios Araguaia e o Tocantins ainda no ciclo do Brasil-Colônia.

Muitos séculos mais tarde, em 1988 o Tocantins passou a ser um estado independente e após passar por longos processos exploratórios ainda como norte de Goiás, busca construir sua própria identidade.

De acordo com o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2021), o estado do Tocantins possui uma população de 1.607.363 pessoas divididas em 139 municípios, faz fronteira com os estados do Pará, Maranhão, Piauí, Bahia, Goiás e Mato Grosso.

A formação dessa população contribuiu para o delineamento de nuances de uma identidade sociolinguística do Estado e, por conseguinte, um dialeto que está em constante desenvolvimento, seja pela forma de falar dos falantes mais locais, seja pelas variantes trazidas de outras unidades federativas.

Nesse sentido, pesquisas têm sido desenvolvidas sobre o falar do Tocantins, principalmente, a partir de 2018, ano de defesa da tese: “Atlas Linguístico Topodinâmico e

Topoestático do Tocantins”, o “ALiTTETO”, de autoria de Greize Alves da Silva, e teve por objetivo: traçar o perfil dialetológico do falar da população tocantinense por meio da confecção de um atlas linguístico estadual. Esse trabalho forma a base desta pesquisa, a partir de seus dados coletados, e que tem grande importância para o estado, visto que a partir deste estudo, muitos outros surgiram, usando seus dados e criando novas pesquisas. O ALiTTETO abordou diferentes aspectos dialetológicos presentes no estado, a partir de uma rede de pontos composta por 12 localidades, totalizando 96 informantes, distribuídos pelas variáveis: diageracional, diassexual e diatópica-cinética.

Podemos observar a participação de Silva em vários outros trabalhos, além do ALiTTETO, como exemplo o trabalho *O Campo semântico da alimentação e cozinha em Porto Nacional - Tocantins: um estudo linguístico/diatópico e sociológico*, 2017, realizado em parceria com Kleiton Ribeiro de Araújo.

Temos também o estudo *Presença vs ausência de traços de ruralidade no léxico tocantinense*, 2019, realizado em conjunto Patrícia Andréa Borges. Neste trabalho as autoras abordam e discutem aspectos importantes sobre os traços de ruralidade no Tocantins, visto que o estado é marcado por atividades agropastoris.

Há também *A variação do rótico nas cidades tocantinenses: em busca de uma norma fonética*, 2016, publicado por Silva e Bruna Lorryne Dias Menezes, que buscava identificar e analisar a pronúncia rótica, representada grafematicamente por /R/ em coda silábica, em Porto Nacional, Pedro Afonso e Natividade¹.

O Estado do Tocantins, por sua variedade linguística, por sua vasta extensão e relevância histórica, mesmo sendo o estado mais novo no Brasil, possui grande potencial para estudos dialetológicos. O seu intenso fluxo migratório reafirma que este estado está repleto de possibilidades para estudos de cunho dialetológico.

3 METODOLOGIA

O procedimento metodológico para a realização desta pesquisa consistiu em uma investigação tanto do tipo qualitativa quanto quantitativa, visto que foi realizada investigação para coleta de dados e a contabilização estatística desses dados, além da análise documental fundamentada nos dados do ALiTTETO. Pode-se definir o método como sendo o caminho para se chegar a um determinado fim e o científico como sendo o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos utilizados para chegar ao conhecimento (GIL, 2010). A junção das metodologias em questão completou e disponibilizou os resultados esperados para a finalização do presente trabalho.

Esta pesquisa foi desenvolvida com base nos dados coletados pelo ALiTTETO, sendo assim, o perfil dos informantes e a rede de pontos foram idealizados outrora por Silva (2018), em acordo com os objetivos de sua tese. Aqui elencamos algumas questões para compreensão do nosso *corpus* em análise.

O *Atlas linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins* foi defendido no ano de 2018, em formato de tese de Doutorado, por Greize Alves da Silva, associada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina.

No trabalho de Silva (2018) foram estabelecidos dois critérios para a escolha de rede de pontos, o “Histórico-social”, abarcando localidades relevantes para o contexto de criação e formação do Estado, e o critério “Político-Geográfico”, com as localidades que são destaques no setor econômico, além de abrigarem contingente populacional considerável, constituindo grandes centros urbanos no Tocantins. Assim, em ambos os critérios, foram elencadas 12 localidades, conforme quadro a seguir:

Quadro 1 - Rede de Pontos do Atlas Linguístico Topoestático e Topodinâmico do Estado do Tocantins (ALiTTETO).

N.º de pontos	Localidades	Data de Fundação/Emancipação	População 2016 (IBGE)	Pontos coincidentes com outros trabalhos
MICRO RREGIÃO DO BICO DO PAP AGAIO				
01	Araguatins	1867 (1913)	34.810	
02	Tocantinópolis	1818 (1943)	23.130	Nascentes (1958;1961)
MICRORREGIÃO DE ARAGUAÍNA				
03	Araguaína	1876 (958)	173-112	
MICRORREGIÃO DE MIRACEMA DO T OCANTINS				

04	Araguacema	1812 (1930)		
MICRORREGIÃO DE PORTO NACIONAL				
05	Palmas	Século XX (1989)	279.856	
06	Pedro Afonso	1845 (19370)	13.097	Nascentes (1958;1961)/ ALiB
07	Porto Nacional	1738 (1861)	52.510	Nascentes (1958;1961)
MICRORREGIÃO DE GURUPI				
08	Gurupi	1932 (1956)	84.628	
MICRORREGIÃO DO JALAPÃO				
09	Mateiros	1736 (1963)	2.570	
MICRORREGIÃO DO RIO FORMOSO				
10	Formoso do Araguaia	1949 (1963)	18.713	Cuba (2015)
MICRORREGIÃO DE DIANÓPOLIS				
11	Natividade	1734 (1933)	9.301	Nascentes (1958;1961)/ ALiB
12	Paraná	1740 (1857)	10.568	Nascentes (1958;1961)

Fonte: Silva (2018).

O perfil dos informantes apresenta características diageracional, com duas faixas etárias: de 18 a 30 anos e de 50 a 65, ambos os sexos (feminino-masculino) e tipo de mobilidade espacial, este último sendo entrevistado os chamados informantes topoestáticos, que são nascidos na localidade de pesquisa, tocantinenses, e os informantes topodinâmicos, informantes que moram na cidade pesquisada há mais de 10 anos, mas que são procedentes de outras localidades ou estados. Para cada localidade foram selecionados 8 informantes para o inquérito, somando 96 informantes.

Quadro 2 - Perfil dos informantes do ALITTETO

N.º	Sexo	Idade	Mobilidade
1	Homem	de 18 a 30	Topoestático
2	Mulher	de 18 a 30	Topoestático
3	Homem	de 50 a 65	Topoestático
4	Mulher	de 50 a 65	Topoestático

5	Homem	de 18 a 30	Topodinâmico
6	Mulher	de 18 a 30	Topodinâmico
7	Homem	de 50 a 65	Topodinâmico
8	Mulher	de 50 a 65	Topodinâmico

Fonte: Base de dados do ALiTTETO (2018).

Ainda sobre o ALiTTETO, foi aplicado um questionário linguístico semiestruturado, contendo 340 perguntas relacionadas a fatos semântico-lexicais, morfossintáticos, fonético-fonológicos e de crenças e atitudes linguísticas. Assim, nosso trabalho analisa e verifica dados de natureza lexical, obtidos com as respostas a duas perguntas do campo semântico do Corpo Humano: 069 – *Como se chama esta parte que cobre o olho?* e 71 – *Como se chama a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes?*. A partir dessas perguntas, comparamos as variantes pelos critérios diatópicos e sociais. Ao fim dos estudos levantados e dados contabilizados, apresentamos os resultados em forma de gráficos e cartogramas.

Para melhor visualização das respostas coletadas, foram gerados cartogramas que estão organizadas da seguinte forma: do lado esquerdo da carta está localizado o mapa do estado do Tocantins e em cada localidade foram entrevistados oito informantes, a representação das variantes nas localidades ocorre em formato de pizza, esferas. Do lado direito da carta está a legenda separada por cores, que indica a visualização das variantes e a proporção de sua utilização nas localidades.

4 ANÁLISES DOS DADOS

Neste capítulo foram realizadas as duas análises semântico-lexicais com base em dados do ALiTTETO. As questões escolhidas dialogam entre si e estão incluídas no subquestionário *partes do corpo humano*, mais especificamente em áreas relacionadas aos olhos.

4.1: QSL 069. Como se chama a parte que cobre o olho?

Para a pergunta em questão foram utilizados os resultados obtidos a partir de 81 respostas fornecidas pelos informantes e estão distribuídas em seis formas/agrupamentos, conforme o quadro a seguir.

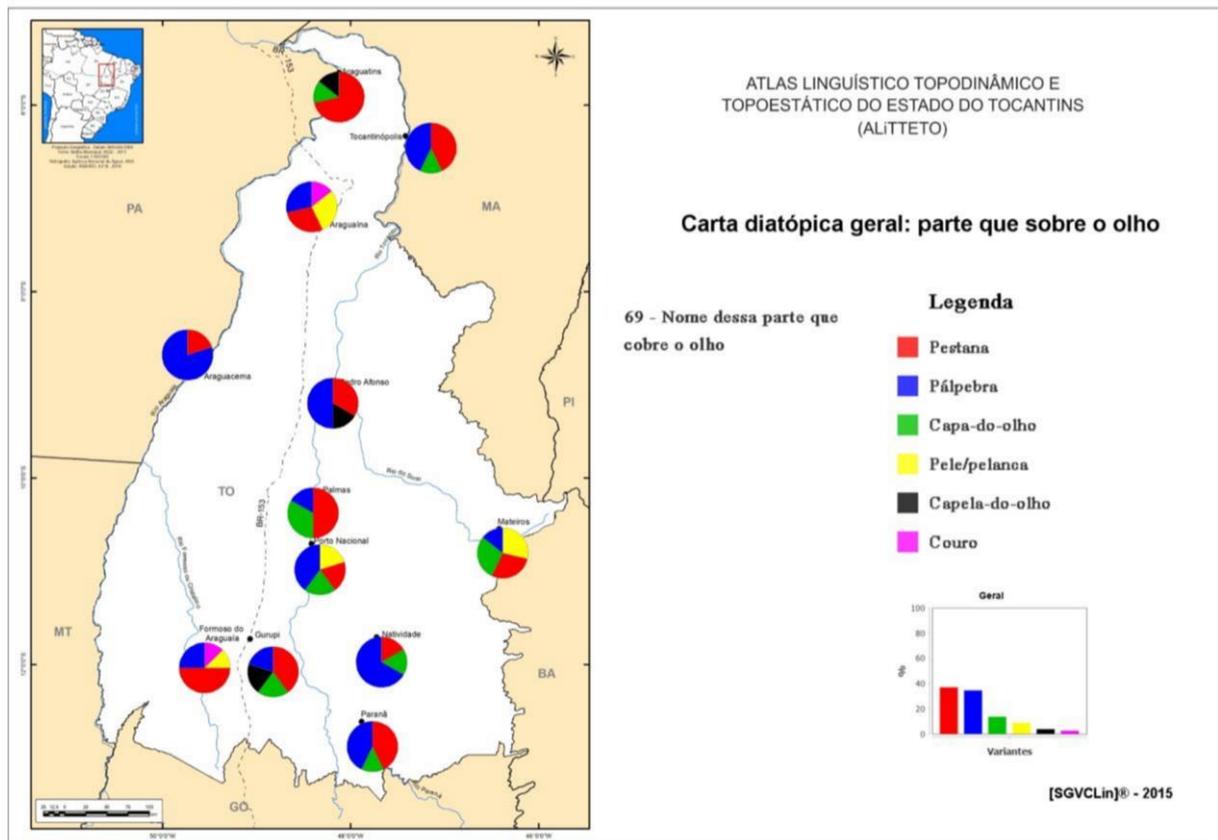
Quadro 3 - Designação para nome dessa parte que cobre o olho, e respectivos números e percentuais de respostas.

Variantes	Número de ocorrências	%
Pestana	30	37,4%
Pálpebra	28	34,57%
Capa do olho	11	13,58%
Pele/pelanca	7	8,64%
Capela-do-olho	3	3,70%
Couro	2	2,47%

Fonte: Base de dados do ALiTTETO (2018).

A variante *pestana* apresentou maior índice de resposta no espaço da pesquisa, sua disseminação ocorreu de forma efetiva por todo o território do estado, conforme se observa no cartograma a seguir. Também notamos maior uso da forma nas cidades ao norte do Tocantins, como Araguatins, por exemplo. A carta dialetal a seguir evidencia a distribuição dos dados:

Figura 1: Cartograma com a variação diatópica para a QSL 069



Fonte: Base de dados do ALITTETO (2018).

O novo dicionário de língua portuguesa apresenta em seu extenso vocabulário diversas explicações para o termo *pestana*:

f. Cada um dos pêlos que bordam as pálpebras. Cílio, celha. Tira da uma peça de vestuário, em que se abriam botoeiras.*Mús. Filete de reforço, que há nos instrumentos de cordas, junto das chavelhas.” (FIGUEIREDO, [s/d] p.1537).

Pestana também pode ser sinônimo de cílios ou cochilo por Aulete (1986).

A segunda maior variação apresentada foi para *pálpebra*, presente em 11 localidades do Tocantins, à exceção do município de Araguatins; as maiores ocorrências foram registradas em Araguacema e Natividade. A lexia *pálpebra* denota, segundo Nascentes (1955, p. 1463)

“Membrana móvel, que cobre externamente o olho. (Lat. palpebra)”.

A *capa do olho* aparece em terceiro lugar como variante mais utilizada, perfazendo 13,88% dos dados. Tal como proferida, não se encontra lexicalizada, ou seja, não está dicionarizada, porém, a linguagem conotativa utilizada corresponde de maneira assertiva a parte do corpo indicada, uma vez que a membrana em questão serve para cobrir, proteger o olho.

As formas genéricas *pele/pelanca* correspondem a 8,64% dos dados; a *pele* origina-se do latim *pellis* [...] f. Membrana espessa, que envolve e cobre exteriormente todas as partes do corpo humano, bem como do corpo dos animais vertebrados e de muitos animais sem vértebras

(FIGUEIREDO, 1913), quanto à *pelanca* (PÓVOA, 1996, p.287) denota (s.) - dobra da pele; pele flácida; muxiba. A variante foi encontrada em três localidades, de forma esparça (Mateiros, Porto Nacional e Araguaína).

A quarta forma mais recorrente foi *capela do olho*, com apenas três citações. Não está registrada nos dicionários como designativo para *pálpebra* e, segundo Cunha (2010), a *capela* denota “Pequena igreja. Santuário. Parte ou dependência de palácio, colégio, etc. Cada uma das divisões de um templo, com um altar. Grupo de músicos, que cantam ou tocam em igreja ou capela”. Neste caso, aparece como um neologismo semântico, com intenção de renomear a parte do olho em questão. Isso ocorre porque capela adquire o sentido de algo em que se pode guardar o olho ou uma divisão do próprio olho.

A última variante utilizada é *couro* que contou com apenas duas ocorrências, auferidas em eixos diferentes e aparentemente sem conexão entre as cidades. A primeira ocorreu em Araguaína, ao Norte, e a segunda em Formoso do Araguaia, ao Sul.

Em suma, quanto aos aspectos sociais, as variantes *pestanda* e *pálpebra* não apresentam grande variação diatópica, possuindo índices similares tanto para informantes diatópicos quanto para informante topodinâmicos. Contudo, no que se refere a variável sexo do informante, o uso de *couro* ocorre exclusivamente no sexo masculino.

4.2: QSL 071. Como se chama a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes?

A próxima análise descreve as respostas obtidas para o questionamento de número 071 que objetiva coletar os nomes para o distúrbio dos olhos, que se voltam para direções opostas, o que gerou um total de 111 respostas divididas em oito formas/agrupamentos, conforme demonstrado no quadro abaixo.

Quadro 4 - Designação para olhos voltados para direções diferentes, e respectivos números e percentuais de respostas.

Variantes	Número de ocorrências	%
Zanolho/zarolho	68	61,26%
Vesgo	18	16,22%

Caolho	11	9,91%
(Olho) atravessado/torto	6	5,41%

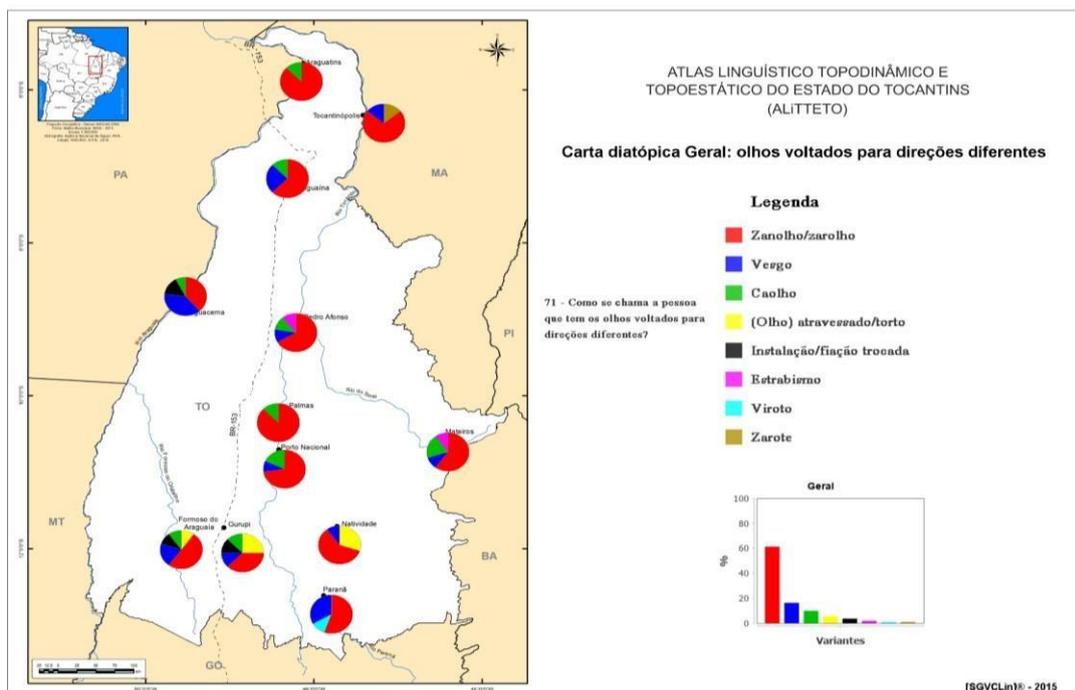
Instalação/fiação trocada	4	3,60%
Estrabismo	2	1,80%
Viroto	1	0,90%
Zaroto	1	0,90%

Fonte: Base de dados do ALITTETO (2018).

A variante apresentada com maior número de ocorrências no Tocantins foi *zanolho/zarolho* com 61,26% dos dados coletados. Está foi mencionada de forma abrangente em todo o estado, com maior ênfase nos municípios de Palmas e Araguatins. Segundo Figueiredo (2010, p. 532), *zanolho* vem da forma antiga de *zarolho*. Já a variante *zarolho*, segundo Figueiredo (2010, p. 2100) é sinônimo de *zarolho*, adjetivo chulo. Vesgo. Cego de um olho.

O termo *vesgo* foi a segunda variante mais utilizada no estado do Tocantins, não correndo apenas nas cidades de Palmas e Araguatins. O termo originou-se, segundo Nascentes (1983, 524), do latim “versícu, de versus, virado”. A seguir a carta dialetal que apresenta a distribuição das formas pelo território tocantinense.

Figura 2 - Cartograma com a variação diatópica para a QSL 071



Fonte: Base de dados do ALITTETO (2018).

O termo *caolho* representa 9,91% dos dados, e foi a terceira forma mais citada, mencionada tanto por informantes topoestáticos quanto por informantes topodinâmicos.

Segundo Cunha (2010.p 123), *caolho* corresponde ao adjetivo. ‘estrabico’. Provavelmente, do quimbundo ‘pequeno’ + olho. Enquanto para Figueiredo (2010, p. 364), o mesmo que *zarolho*.

A forma (*Olho*) *atravessado/torto* aparece somente em cidades do extremo sul do Tocantins, como Gurupi, e não se encontra dicionarizada, ou seja, não há menções em dicionários, mas em breves pesquisas *pelo google*, a título de curiosidade, a frase é apontada como sinônima para estrabismo.

Estrabismo, segundo Nascentes (1983, p.199), vem do grego *strabismós*, ação de envesgar, foi citado por apenas dois informantes nas cidades de Mateiros e Pedro Afonso.

A forma *instalação/fiação trocada* corresponde a 3,60% dos dados e não foram dicionarizadas, neste caso aparecem como um neologismo semântico, ou seja, quando damos um novo sentido palavra formas já existente, que a pessoa é vesga ou zarolha. Foram coletadas em cidades que fazem fronteiras com outros estados, como: Araguacema que faz fronteira com o Pará e Formoso do Araguaia que faz fronteira com o Mato Grosso.

Em relação às variáveis sociais, tanto a variante *viroto* quanto a variante *zarote* foram utilizadas por informantes topodinâmicos. As formas não foram dicionarizadas, por isso o seu sentido é conotativo. Os termos em questão também foram utilizados somente por informantes do sexo masculino.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, os dados analisados neste trabalho apresentam polimorfismo, ou seja, apresenta muitos sentidos, partindo principalmente de expressões com sentido figurado e/ou conotativo a partir de objetos que apresentam forma ou função similar a parte do corpo em questão, a exemplo de *pálpebra* e *pele/pelanca do olho*.

Analisando as distribuições diatópicas das formas oriundas a partir dos questionamentos em pauta, ou seja, a variação entre as localidades, notamos que grande parte das variantes apresentadas são de informantes topodinâmicos, dos falantes migrantes. Isso ocorre, pelo grande fluxo migratório ocorrido no início da criação do estado.

Ao verificar as nuances de variáveis sociais (sexo, idade e tipo de mobilidade), observamos sobre o aspecto diassexual, que há termos que foram utilizados apenas por informantes do sexo masculino, tais como *couro* e *viroto*.

Acerca da dimensão diageracional, concluímos que não houve diferenças significativas nesse grupo de informantes, embora haja variantes citadas apenas por falantes da faixa-etária I (18 a 30 anos), como por exemplo *zarote*, e variantes citadas apenas por informantes da faixa-etária II (50 a 65 anos) como *instalação/fiação trocada* e *estrabismo*.

O estudo ainda apontou a utilização de formas e expressões regionais como *pelanca* e *vesgo* que povoam o falar cotidiano dos tocantinenses, presentes no *Dicionário tocantinense de termos e expressões afins*.

Considerando que os objetivos propostos foram alcançados, os resultados apontam a presença de variantes não dicionarizadas e intenso polimorfismo lexical. Portanto, o estudo ratifica a importância de associar aspectos sócio-históricos a dados linguísticos, contribuindo, desse modo, para a melhor compreensão e descrição do português brasileiro.

REFERÊNCIAS

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1986.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A Dialectologia no Brasil: perspectivas. *D.E.L.T.A.*, v. 15, n. especial, p. 233-255, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/27601/17187>. Acesso em: 13 nov. 2022.

_____. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice. MOTA, Jacyra Andrade. PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL: antecedentes e estágio atual. *Alfa*, São Paulo, 56 (3): 855-870, 2012.

CHAMBERS, Jack. K.; TRUDGILL, Peter. *La Dialectología*. Madrid: Visor Libros SL, 1994.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

FERREIRA Carlota; CARDOSO, S. A dialetologia no Brasil. São Paulo: Contexto, 1984.
FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. E-book: [s.l.], 1913. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/31552/31552-pdf.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2022.

GIL, Antônio Carlos. *Como Elaborar Projeto de pesquisa*: 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Tocantins*. 2022. <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/to.html>. Acesso em: 20 out. 2022.

MENEZES, Lorrayne Dias Menezes; SILVA, Greize Alves da. A variação do rótico em cidades Tocantinenses: em busca de uma norma fonética. *Revista Desafios*, v. 3, n. Especial, p. 80-86, 2016. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/3241/9520>. Acesso em: 20 out. 2022.

MONTEIRO, José Lemos. Dialectologia e Diacronia. *Rev. das Letras*, Fortaleza, n. 14 (1/2), p. 183-209, jan/dez, 1989. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/9443/1/1989_Art_JLMonteiro.pdf. Acesso em: 20 out. 2022.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955.

NUNES, Juliany Fraide, ISQUERDO, Aparecida Negri. MARQUES, Elizabete Aparecida. Fraseologismos na área semântica do corpo humano a partir de dados geolinguísticos: o que revelam os dados do norte e do sul do Brasil. *Estudos linguísticos e literários*, Salvador, n.60, p.51-70, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/27601/17187>. Acesso em: 13 out. 2022.

PÓVOA, José Liberato. *Dicionário tocantinense de termos e expressões afins*. Goiânia: [s. l.], 1996. Disponível em: http://www.sopapo.com.br/JornalDoDuroDownloads/Livro_DicionarioTocantinense_LiberatoPovoa.pdf. Acesso em: 22 nov. 2022.

ROMANO, Valter Pereira. *Percurso historiográfico e metodológico da Geolinguística*.

Papeis, Campo Grande, v. 18, n. 35, p. 135-153, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/papeis/article/view/3017/2445>. Acesso em: 12 set. 2022.

SILVA, Greize Alves da. *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALiTTETO)*. 2018. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000218332>. Acesso em: 12 set. 2022.

SILVA, Greize Alves da; ARAUJO, Kleiton Ribeiro de. O Campo semântico da alimentação e cozinha em Porto Nacional - Tocantins: um estudo linguístico/diatópico e sociológico. *Revista Humanidades e Inovação*, v. 4, n. 5, p. 33-44, 2017. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/406>. Acesso em: 20 out. 2022.

SILVA, Greize Alves da; BORGES, Patrícia Andréa. Presença vs ausência de traços de ruralidade no léxico tocantinense. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, [s. l.], n. 72, p. 83-105, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/157030>. Acesso em: 20 out. 2022.